



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

APARECIDA COSTA DOS SANTOS

**HIGIÊNICAS E MÃES: AS MULHERES E OS DISCURSOS HIGIENISTAS NOS
ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA *FON FON* (RJ, 1920)**

**GUARABIRA
2022**

APARECIDA COSTA DOS SANTOS

HIGIÊNICAS E MÃES: AS MULHERES E OS DISCURSOS HIGIENISTAS NOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA *FON FON* (RJ, 1920)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.
Área de concentração: História.

Orientador(a): Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237h Santos, Aparecida Costa dos.
Higiênicas e mães [manuscrito] : as mulheres e os discursos higienistas nos anúncios publicitários da revista Fon Fon (RJ,1920) / Aparecida Costa dos Santos. - 2022.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Higienismo. 2. Mulheres. 3. Imprensa. I. Título
21. ed. CDD 372.37

APARECIDA COSTA DOS SANTOS

HIGIÊNICAS E MÃES: AS MULHERES E OS DISCURSOS HIGIENISTAS NOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA *FON FON* (RJ, 1920)

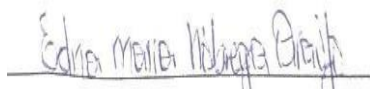
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.
Área de concentração: História.

Aprovada em: 13 / 07 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meus pais, meu esposo, meu filho, todos os meus familiares, professores e a todos que me apoiaram em minha trajetória acadêmica.

DEDICO.

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar”.

(Albert Einstein)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Produto para higiene íntima das mulheres	18
Figura 2 - Creme dental para higiene bucal	19
Figura 3 - Pó de arroz	20
Figura 4 - Rio Instituto.....	21
Figura 5 - Alimento para crianças “leite maltado”	23
Figura 6 - Proteção à saúde dos filhos.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HIGIENISMO: DO CORPO DA CIDADE AOS CORPOS DOS CIDADÃOS.....	12
3 MULHERES HIGIÊNICAS, FAMÍLIAS SAUDÁVEIS: EDUCANDO OS CORPOS.....	15
3.1 AS MULHERES E A MATERNIDADE SOB A PERSPECTIVA HIGIENISTA.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27
AGRADECIMENTOS	29

HIGIÊNICAS E MÃES: AS MULHERES E OS DISCURSOS HIGIENISTAS NOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA *FON FON* (RJ, 1920)

Aparecida Costa dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho versa sobre os discursos higienistas no Brasil do início do século XX, notadamente no Rio de Janeiro, procurando pensar como estes, difundidos através da imprensa e, mais particularmente, dos anúncios publicitários, participaram da construção das funções sociais e da corporeidade das mulheres, marcados pela difusão dos saberes médicos, do projeto modernizador da nação e das seduções do consumo. Para tal, utiliza como fonte a revista carioca *Fon-Fon*, analisando anúncios sobre a higiene do corpo feminino, alimentação e higiene infantil, recortados principalmente nos primeiros anos da década de 1920. Demonstra, através da pesquisa, o caráter definidor de desigualdades de classe e gênero dos projetos modernizantes das capitais brasileiras, através das reformas urbanas e medidas sanitárias, movidos pelos ideais higienistas; identifica os elementos de controle dos corpos femininos e da construção do papel essencial atribuído às mulheres como pedagogas do lar e, por conseguinte, da nação, para transmitir no espaço familiar os valores e práticas higienistas, que deveriam fornecer cidadãos saudáveis para a pátria. Observa, por fim, neste papel, a intensificação da função da maternidade, então marcada pelo apelo da cientificidade como forma de instruir as mães no cuidado com sua prole. É assim um trabalho que se insere no campo de uma perspectiva cultural da relação história e gênero, destacando corpo e mulheres como categorias importantes.

Palavras-chave: Higienismo, mulheres, imprensa.

ABSTRACT

This work deals with the hygienist discourses in Brazil at the beginning of the 20th century, notably in Rio de Janeiro, trying to think about how these, disseminated through the press and, more particularly, in advertisements, participated in the construction of social functions and women's corporeality. , marked by the diffusion of medical knowledge, the modernizing project of the nation and the seductions of consumption. To this end, it uses the Rio de Janeiro magazine *Fon-Fon* as a source, analyzing advertisements on female body hygiene, food and child hygiene, mainly in the early 1920s. It demonstrates, through research, the defining character of class inequalities and gender of modernizing projects in Brazilian capitals, through urban reforms and sanitary measures, driven by hygienist ideals; identifies the elements of control of female bodies and the construction of the essential role assigned to women as pedagogues of the home and, therefore, of the nation, to transmit in the family space the hygienist values and practices, which should provide healthy citizens for the homeland. Finally, in this role, it observes the intensification of the role of motherhood, then marked by the appeal of scientificity as a way of instructing mothers in the care of their offspring. It is thus a work that is inserted in the field of a cultural perspective of the relationship between history and gender, highlighting the body and women as important categories.

Keywords: Hygienism, women, press.

¹ Graduada em História pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: aparecida989@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pauta-se na discussão acerca das influências higienistas no Brasil, buscando refletir sobre a construção do corpo higienizado da cidade do Rio de Janeiro e dos seus habitantes, especialmente das mulheres, no início do século XX. O processo de instauração das ideias higienistas no país, que se deu no início no final do século XIX e começo do século XX, tinha como objetivo reformar e modernizar as cidades brasileiras, em especial a cidade do Rio de Janeiro, então capital nacional, a partir da concepção do moderno e do progresso das cidades europeias. Considerava e valia-se da necessidade de combater as epidemias e surtos de caráter endêmicos, que tanto amedrontavam a população, como de discursos de projeção para os representantes políticos e médicos sanitaristas.

Partimos da observação de que o higienismo colocava as mulheres como uma peça chave em seu projeto, especialmente no foco dos discursos médico-sanitaristas. Procuramos então compreender como as mulheres foram constituídas como fundamentais neste processo, enquanto ‘pedagogas do lar’, recebendo a função de cuidar dos filhos e preservar sua família sob preceitos higiênicos. Logo, a dimensão da relação história e gênero torna-se importante para nossa perspectiva, compreendendo que;

O termo “gênero”, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultados dessa diferença. [...] as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideais sobre feminilidade e masculinidade (PISCITELLI, 2009, p. 119)

Nesta perspectiva, procuramos pensar como os discursos higienistas, difundidos através da imprensa e, mais particularmente, de anúncios publicitários, participaram da construção de corpos femininos higiênicos, controlados pela difusão dos saberes médico, do projeto modernizador da nação e das seduções do consumo. Consideramos então os corpos como instâncias históricas, culturais, significados pelos valores de cada época e espaço, configurados pelas questões de gênero. Como coloca Goellner (2003, p.28), “o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas

diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc”.

Para fazer nossa investigação, utilizamos como fonte a revista *Fon-Fon*, a partir de discursos de anúncios da época sobre higiene do corpo feminino, alimentação e higiene infantil, recortando principalmente os primeiros anos da década de 1920. De acordo com Zanon (2005), *Fon-Fon* foi uma revista publicada em primeiras décadas do século XX, e importante documento que destacava a vida sociocultural da população brasileira, que circulou entre 13 de abril de 1907 e 28 de dezembro de 1945. Era um semanário de caráter político, crítico e alegre e também seguia os padrões dos periódicos europeus.

O surgimento da *Fon-Fon* se compatibilizou com o fim das reformas urbanas promovida pelo então prefeito, Pereira Passos, ocorridas no Rio de Janeiro, essa reforma findou em 1906 e a primeira publicação da revista se deu em 1907. De acordo com Franqui e Periotto (2015) além de conteúdos políticos, a revista era bastante diversificada, noticiando acontecimentos relevantes do Rio de Janeiro e do país, com destaque para as colunas sociais, para as ilustrações e seções que veiculavam fotos das principais personalidades da elite fluminense.

Entre várias seções da revista, uma das que mais se destacava era a *Fon-Fon* feminina, que trazia a moda daquele período, culinária, a arte em ser bela, onde se tratava da beleza feminina, como também o papel da “mulher mãe”, indiciando o interesse do magazine em cultivar um público leitor feminino, o que, pela quantidade de anúncios que se reportavam às mulheres, parece ter se consolidado. E é para os anúncios, que colocamos nossa atenção para a discussão proposta, lembrando, como coloca Vasconcelos, Fialho Machado (2017, p.455) que estes não são compreendidos “como meros inventários de curiosidades ou, tampouco, como simples descritores de hábitos de consumo (...). Trata-se de um artefato inserido no interior de um sistema sócio-histórico do qual sofre interferências e sobre o qual interfere”.

Para desenvolvimento da nossa discussão, primeiro, nos apoiando em uma bibliografia sobre o tema, procuramos contextualizar a emergência do higienismo no Brasil e sua incidência sobre a vida urbana e os cidadãos. Em seguida, entramos na discussão mais específica de observar este contexto operando a demarcação de valores para os corpos das mulheres, em especial ligado as concepções de higiene, saúde e beleza, e suas funções sociais, destacando a maternidade e o papel desta na educação de corpos higiênicos.

2. Higienismo: do corpo da cidade aos corpos dos cidadãos

Após a proclamação da República no Brasil, em 1889, cresce no país as discussões e ações de cunho higienistas, que tinham como inspiração as cidades europeias, buscando promover a ideia de transformar o Brasil em um país moderno e civilizado. Embora as regras de limpeza fossem essenciais desde o início das civilizações, “era nova a crença de que, por meio da higiene, seria possível alavancar o progresso econômico e social” (Sant’anna 2011, p.302), destacando-se na imprensa brasileira os casos da França e da Inglaterra como exemplos dessa conquista.

O Brasil era visto então como terras férteis para que de certa forma médicos-higienistas pudessem atuar por meio da ciência, mas isso significava também um grande desafio: como isso poderia acontecer em um país tão grande, cheio de contrastes, predominante rural e considerado um país subdesenvolvido? As cidades, sobretudo as maiores, tornaram-se logo o alvo privilegiado destas mudanças. O Rio de Janeiro, como capital, precisava eliminar suas ruas estreitas, fortes odores, doenças que acometiam a população, e entre outras coisas que se tornava um problema público. Logo nas primeiras décadas do século XX, a cidade começou a registrar mudança de hábitos, aspirando a combater a questão acerca das adversidades sanitárias que causavam doenças e incomodavam tanto a população.

Importante enfatizarmos que na perspectiva do ideal higienista, era a população mais pobre e carente a maior responsável pelo mal feito para a cidade, pois não era considerada educada e também civilizada para estar naquele lugar. Parte desses habitantes da cidade eram moradores de casebres e representava um grande incômodo para a elite e, nesse aspecto, foram ainda mais excluídos e discriminados pelas novas concepções de higiene que passaram a formular as reformas urbanas: “habitações populares foram demolidas para dar lugar a construções consideradas modernas, higiênicas e salubres”, que deveria ter aparência de um bulevar francês, o que, nas diferentes capitais brasileiras, favoreceu um novo comércio e a especulação imobiliária, em detrimento da população mais pobre, restrita às áreas mais periféricas das cidades. (SANT’ANNA, 2011, p.303)

No Rio de Janeiro, por exemplo, os cortiços deixavam as ruas mal vistas e eram notados como um problema para a sociedade, como também um tipo de ameaça para as condições higiênicas da cidade. Não havia habitação para grande parte da

população, e com isso ocorria uma superlotação nesses espaços que servia de moradia para a classe pobre;

A pouca disponibilidade de moradia, a escuridão e a umidade das habitações, o reduzido tamanho dos quartos de dormir, o uso comunitário de latrinas, o odor exalado pelos resíduos acumulados no quintal ou nos latões, o convívio entre pessoas e animais no mesmo espaço assustavam os inspetores de higiene e o sentido refinado das classes privilegiadas. Como não havia alternativa de moradia para as classes pobres os cortiços e o número de habitantes nesses estabelecimentos continuavam crescendo (MACHADO, 2011, p.13)

Grande parte da população pobre que vivia na cidade, morava em residências de modo coletivo, logo, os higienistas não aprovavam esse meio de vivência e assim foram colocando especialmente os cortiços em extinção, para que assim a cidade e as casas se tornassem um lugar de conforto e longe de vários tipos de adversidades, e essa população tivesse uma melhor qualidade de vida;

O controle sobre o pobre e a habitação popular se baseava na crença generalizada de que a “casa imunda” e o cortiço eram os focos de origem dos surtos epidêmicos e dos vícios. A vida miserável, a falta de hábitos de higiene corporal e a imundície de sua casa eram sinais de que o proletariado não tinha condições de gerir sua vida, sendo necessária à intervenção redentora dos especialistas. Dessa forma, os cortiços eram vistos tanto como um problema para o controle social dos pobres quanto como uma ameaça para as condições higiênicas da cidade (MACHADO, p.12,2011).

Ainda ao final do século XIX, vemos exemplo desta problemática, quando um dos cortiços mais famosos do Rio de Janeiro, o chamado Cabeça de Porco, foi destruído de forma abrupta e violenta, segundo ordens do prefeito da época, Barata Ribeiro, que governou a cidade por apenas 5 meses, de 17 de dezembro de 1892 a 25 de maio de 1893; sendo que nenhuma medida foi tomada para abrigar centenas de pessoas que perderam seus lugares onde vivia, como comenta Chalhoub (2006);

O episódio da demolição do cortiço Cabeça de Porco se transformou num dos marcos iniciais, num dos mitos de origem mesmo, de toda uma forma de conceber a gestão das diferenças sociais na cidade. Com a construção da noção de “classes pobres” e “classes perigosas”, ambos são expressões com o mesmo significado, além do surgimento da idéia de que uma cidade deve ser gerida de acordo com critérios técnicos e científicos (CHALHOUB, 2006, p. 19).

Observamos assim que desde o século XIX crescia no país a propagação de conceitos higienistas, para os quais era necessário empreender reformas que

limpassem do corpo da cidade o que era considerado sujo, feio, e que potencialmente era perigoso. A cada epidemia que era gerada, as populações pobres que moravam em habitações de caráter popular, eram apontadas como responsáveis de transmitir diversos tipos de doenças, logo que ali viviam muitas pessoas conjuntamente, por isso que eram tidas como classe perigosa.

Mas os preceitos higienistas, apostando nas reformas dos espaços urbanos como projetos essenciais, consideravam que era necessário mais que isso: que os corpos fossem normatizados, que fossem gerados novos hábitos do cotidiano, como de se alimentar, se vestir, praticar esportes e até das formas de lazer. Ou seja, uma educação higiênica e sanitária da população era apontada como crucial e, neste ínterim, também proliferaram valores de cunho eugênico, que tendiam “a associar a limpeza da raça brasileira aos valores da ginástica e do culto à vida ao ar livre” (SANT’ANNA, 2011, p. 304)

Embora o movimento sanitário no Brasil tenha surgido no final da década de 1970 - período em que estava ocorrendo a ditadura militar (1964 até 1985), em que houve grande desenvolvimento econômico e, em contrapartida, também o aprofundamento da desigualdade social - foi no final do século XIX e início do século XX que vimos emergir esta perspectiva de que era necessário ensinar à população novos hábitos de higiene;

Muitos “higienistas” tomavam como referência a ideia que preconizava ser a falta de saúde e educação do povo responsável por nosso atraso em relação à Europa. A situação de miséria do Brasil tinha explicações em fatores sociais, e, por esse motivo, julgavam poder cumprir, com o simples apoio financeiro do Estado, o papel de modernizadores do Brasil. (GÓIS JUNIOR, 2002, p.48,)

Alguns médicos, segundo Silva (2017), destacavam que o que traria doenças para a população brasileira seriam fatores como desigualdades econômicas e sociais, falta de alimentação, saneamento básico. Porém, para além das dimensões coletivas, o foco também era o comportamento do indivíduo, ou seja, a saúde visava novos preceitos de higiene, limpeza dos corpos através da desodorização, e a partir desta, uso de perfumes, dentifrícios, sabonetes, asseios e usos cosméticos como métodos higiênicos. Então, passa a ser defendida de que através da democratização da educação seria formada uma cultura no Brasil e com isso seria gerada uma população

mais saudável e com melhores condições salubres de vida. Como afirma Góis Júnior (2002);

Se a educação fosse democratizada, o povo poderia adquirir virtudes valorizadas na época, cuidaria melhor de si mesmo e educaria melhor seus filhos, preparando-se para o trabalho moderno e possibilitando ao Brasil um maior desenvolvimento. Seria mais saudável, pois aprenderia os novos hábitos higiênicos indicados pelos cientistas. O brasileiro criaria um sentimento comum de nacionalidade, uma cultura própria. Esse era o objetivo da intervenção da educação e da saúde (GOIS JÚNIOR, 2002, p. 48).

A partir do processo educativo de novos hábitos de higiene seria assim formada uma população mais saudável e consciente, que a cada momento iria mudar seus costumes, alinhando-se aos projetos de modernidade e civilidade; ou seja, o foco recai tanto no corpo da cidade_ suas ruas, bairros, edificações, etc_ quanto nos corpos dos seus moradores que, para além de demonstrar limpeza, ordenamento, deveriam também ser notabilizados pelos aspectos estéticos da beleza, compondo um ideal de saúde.

Neste horizonte é que vamos ver ser direcionado fortemente os discursos para a classe média urbana, através da imprensa, que desempenhará aí seu papel pedagógico. Em especial, como procuramos discutir a seguir, as mulheres serão alvo destes, tanto como sujeitos que precisam se educar sobre tais preceitos, quanto como corpos que precisam ser exemplos para a constituição do padrão da família brasileira higiênica e, portanto, saudável.

3. Mulheres higiênicas, famílias saudáveis: educando os corpos

Para a perspectiva higienista, as mulheres se colocavam como potencialmente cuidadoras e defensoras da saúde dos filhos e do marido. Segundo Silva (2017, p. 14,) “as ideias higienistas foram aos poucos fazendo parte do íntimo das mulheres, assim, a elas foram impostos funções, atribuições e papéis dentro da sociedade”.

Muitas das vezes, os discursos se voltavam para as concepções burguesas de casamento e de lar, em que a felicidade do casal aparece como se dependesse somente ou sobretudo das mulheres, pois a elas cabiam as atividades domésticas e cuidados do lar. Caso elas se recusassem a não cuidar bem do lar, marido e filhos, possivelmente não teria uma vida conjugal feliz. Além dessa preocupação, também

tinha o comprometimento de cuidar da sua própria saúde, beleza e bem-estar, tornando-se exemplo e uma espécie de vitrine sobre a incorporação dos bons hábitos de higiene de sua família.

A partir da perspectiva apontada por Freire (2008), compreendemos que as mulheres passam a ser vistas como pedagogas da nação, pois a partir do âmbito familiar e doméstico, deveriam trabalhar em prol da edificação da sociedade limpa e saneada. Ela era vista como a conservadora da família e, por extensão, da pátria, sendo que no discurso sanitarista somente a mulher colonizada pela higiene estava apta para assumir uma família;

O debate que se travava desde o século XIX na sociedade brasileira sobre o papel da mulher assumiu lugar central na cena pública, notadamente quanto à função maternal, adquirindo contornos diferenciados na virada do século. Ainda que intrinsecamente vinculado à natureza feminina, ao associar-se ao projeto modernizador nacionalista o exercício da maternidade ultrapassava os limites da esfera doméstica e adquiria um novo caráter, de missão patriótica e função pública. Tratava-se não mais de garantir filhos ao marido, mas sim cidadãos à Pátria. (FREIRE, 2008, p.154)

A autora observa que a partir da educação voltada para fins sanitários, desenvolve-se o conceito de obediência, onde é inserido novos comportamentos e também outros padrões de higiene, para assim promover uma vida mais saudável. E esta educação não ficava restrita aos programas escolares, mas ao que se aprendia também no cotidiano doméstico, onde as mães desempenhavam ou deveriam desempenhar seu papel pedagógico: “As tarefas educacionais não poderiam ser levadas a bom termo sem a participação da mulher, pois a ela competiam duas funções básicas: propagar a espécie e ser a primeira educadora dos filhos” (DEL FIORENTINO *apud* VASCONCELOS, MACHADO, 2016, p.191)

Neste contexto, a ciência foi acionada na apresentação de um modelo de maternidade, que se configurava por meio da maternidade científica, que seria um recente papel feminino: a mãe moderna. O conceito de mãe moderna estava ligado com a reorganização da sociedade brasileira, onde os reformadores republicanos buscavam alcançar o progresso e a efetividade da nação. (FREIRE, 2008)

Muito do aprendizado das mulheres sobre como tornar-se um corpo higiênico e, ao mesmo tempo, ser uma transmissora destes preceitos, foi disseminado pela imprensa, que exerce aí também seu caráter educativo e formador de valores. Ao analisar a revista *Fon Fon*, nos anos iniciais da década de 1920, é possível identificar

o quanto os discursos de base higienistas se voltam para as mulheres, em especial apresentados através da moda e de uma série de ofertas de produtos para a *toilette* feminina e familiar;

De outro lado, acompanhando o florescimento geral da imprensa, a explosão de produção e consumo das revistas ilustradas, nas primeiras décadas do século XX, consolidou esse gênero específico de periódico como suporte mais adequado para a discussão de ideários e proposição de novos comportamentos. As revistas femininas, em particular, compartilhando o caráter de modernidade do discurso maternalista enunciado pelos médicos, configuraram-se como veículo ideal para a difusão da nova cultura, simultaneamente refletindo e moldando o novo papel feminino de mãe. (FREIRE, 2008, p.155)

Ainda que não fosse uma revista exclusivamente feminina, os anúncios que se voltam para este fim ocupam grande espaço nos exemplares da *Fon Fon*. São produtos diversos, geralmente indicados para cuidar da higiene pessoal das mulheres, como também para o seu embelezamento. Englobam promessas, através de ações cosméticas e de remédios, que lhes ofereciam força, beleza e saúde, tratando diversos sintomas e também melhorando a aparência física. Por exemplo, na revista podemos destacar alguns produtos para uso de higiene pessoal, como Gyraldose, indicado para a saúde íntima das mulheres.

Figura 1 – Produto para higiene íntima das mulheres.

GYRALDOSE
para a hygiene íntima da mulher

Excelente producto, que não é tóxico, descongestionante, antilencorréico, resolutivo, cicatrizante. Odor muito agradável. Emprego muito económico. Da um bem estar real.

É o antiseptico que toda mulher deve ter perto de si.

A GYRALDOSE apresenta-se sob a forma de pó ou de comprimidos. É o antiseptico ideal para viagens. Cada dose posta n'um litro d'agua dá a solução perfumada e é de grande utilidade para a hygiene íntima da mulher.

Establissements CHATELAIN
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitais de Paris
3 Rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias.

A "GYRALDOSE" fabrica-se em pastilhas, pó e Sabonetes.

Indispensável para a hygiene íntima e as affecções da pelle e do couro cabeludo.

Agentes exclusivos: Antonio J. Ferreira & Cia. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro

Fonte: Revista Fonfon, n.048, ano 1927, p.5.

O produto, que é um sabão antisséptico, chama atenção para uma preocupação instalada com a higiene íntima feminina, também sendo oferecido para afecções da pele e couro cabeludo. A ideia de odor agradável, “solução perfumada”, leva à oposição do cheiro que seria natural do corpo, vinculando a concepção de cheiro agradável ao caráter antisséptico, em conformidade com os saberes científicos que então disseminavam a preocupação com os micróbios, os agentes patológicos, enfatizando o asseio “contínuo” como forma de combate a estes. Importante lembrar que com a divulgação das pesquisas em microbiologia, desde o século XIX, os perigos da sujeira que não se podia ver à olho nu cresceu, exigindo rituais de higiene mais minuciosos e específicos. (SANT’ANNA, 2011)

Os corpos doentes ou saudáveis, tantos dos homens quanto das mulheres, tornam-se importantes para um mercado que também participa, em conjunto com os discursos médicos, da promoção do ideal higienista. As noções de saúde ou doença, tinham importância para os padrões de beleza, bem como de moralidade, que se baseava socialmente na aceitação ou rejeição cultural.

Neste cenário, as diferenças de gênero são também delimitadas pelo que se espera da corporeidade de cada um: “enquanto às mulheres era prescrito um cuidado obstinado para com o aparelho reprodutor, aos homens, qualquer excesso de inércia, delicadeza ou leveza podia indicar uma perigosa fraqueza viril”. (SANT’ANNA, 2011, p. 310)

Figura 2- Creme dental para higiene bucal.



Fonte: Revista Fonfon, n.023, ano 1930, p.13.

Ao que se vincula no corpo à intimidade, mais facilmente esta se direciona às mulheres, enquanto outros cuidados, como o de órgãos mais externos, públicos, não sofrem esta especificação de gênero, como é o caso dos produtos voltados à saúde bucal. Acima temos um anúncio publicitário de “pasta de dentes”, como produto de higiene pessoal, voltado tanto os homens quanto as mulheres. Reparamos no nome do produto que remete à ideia de “odorização”, bem como a ênfase da desinfecção da boca, do combate às cáries e na aparência dos dentes “alvos e brilhantes”, padrão que se estabelece de saúde e beleza para ambos.

Figura 3 – Pó de arroz.



Fonte: Revista Fonfon, n.004, ano 1930, p. 21.

Neste outro anúncio na revista *Fon Fon*, por sua vez, apresenta-se o produto pó de arroz, associando seu uso somente por “mulheres bellas”, buscando então induzir a identificação da consumidora com o produto, ao tempo que insere uma “marca” de diferenciação, pois é um pó que leva a assinatura de um perfumista “de Paris”. Vamos entendendo que não basta apenas o odor agradável, mas o cheiro e o aspecto também vão sendo codificados pelas questões de classe e gênero.

Segundo Almeida (2012, p.01,) “nos anos 1920, o corpo era alvo de insistentes atenções. Exigiam-se mais movimento, mais higiene e aparências renovadas”. Nessa época, o corpo estava subordinado a um parecer tanto ligado à perfeição, quanto a

princípios morais, que vemos associar-se de forma diferenciada às mulheres. Para Almeida (2012);

Não importa somente a beleza exterior obtida com a ajuda de loções, pastas, cremes ou líquidos cheirosos; mas o trabalho minucioso do corpo no polimento do gesto e no cultivo da postura era igualmente desejável e observado. A noção de moralidade, por exemplo, era tida como "saúde do espírito", que, muitas vezes, se associava a valores católicos, como pureza e limpeza - principalmente no que concerne às mulheres (ALMEIDA, 2012, p. 04).

Importante ainda destacar que o consumo das ideias higiênicas, atreladas às concepções de saúde e beleza, não ficavam restritas ao uso dos produtos, mas também a frequentar lugares com tais fins, como os institutos de beleza que se associam à “conservação da mocidade e da beleza”, bem como à hábitos que devem fazer parte do cotidiano das mulheres das camadas mais abastadas.

Figura 4 – Rio Instituto.



Fonte: Revista Fonfon, n. 010, ano 1926, p.63.

Nesse material impresso na revista, vemos a imagem do salão de espera com suas clientes, do Instituto Rio de beleza feminina, que foi inaugurado em lugar central do Rio de Janeiro, a Av. Rio Branco, fundado por “madame” Adelita Cós, designada como “especialista na sciencia da belleza”.

Segundo o texto, esse salão era destinado a conservação da beleza feminina, por meio dos cuidados higiênicos, o que toda mulher de bom gosto deveria adquirir em sua trajetória de vida. Ali, seriam tratados os cabelos, pele, unha, massagem, etc. Interessante notar que o instituto não se apresenta como “uma casa” que usa os recursos “ultra modernos” para rejuvenescer, mas diz-se “inimiga da fealdade humana, e por isso mesmo, defensora leal dos princípios de higiene que conservam a mocidade...”, atrelando também os hábitos higiênicos, à juventude.

3.1. As mulheres e a maternidade sob a perspectiva higienista

Como já exposto, desde o século XIX durante o processo de modernização republicana, o desenvolvimento das concepções higienistas, baseadas em discursos médico-sanitaristas, colocaram as mulheres na posição de vitrine modelar destas acepções, e de propagadoras destes ideais no âmbito familiar, o que intensificou a importância de seu papel enquanto mães;

Articulistas, médicos, educadores, feministas, juristas e políticos, todos concordavam quanto à relevância da maternidade como o principal papel social das mulheres e, ao mesmo tempo, sua própria essência, devendo, portanto, ser amparada e protegida. (FREIRE, 2008, p.157)

Nas décadas iniciais do século XX, vemos crescer a preocupação com a maternidade, que além de considerada instintiva, natural, precisava ser educada, instruída, para servir ao seu papel conforme os ideais de uma sociedade que se modernizava. Mas havia aí um conflito: a forma tradicional de criação dos filhos para muitos tornara-se um modo de atraso ou até mesmo cultura antiga, porém, se a educação feminina fosse baseada em critérios escolares, era criticada, ou até mesmo considerada inapropriada, pois esta, a educação feminina, deveria estar restrita ao exercício de maternidade.

A partir disso, como solução para esse caso foi desenvolvida a técnica científica chamada de puericultura. Diferentemente da pediatria, a puericultura² tinha como

² A puericultura é uma subespecialidade da pediatria que se preocupa com o acompanhamento integral do processo de desenvolvimento infantil. Busca analisar o processo de crescimento, o desenvolvimento físico e motor, a linguagem, a afetividade e a aprendizagem cognitiva da criança. <https://previva.com.br/puericultura-medicina-preventiva/>

objetivo principal cuidar do corpo doente da criança, observando as mudanças em aspectos físicos, comportamentais e entre outros. A garantia de um crescimento saudável, a preservação da saúde dos filhos e também de um desenvolvimento adequado se dava através da puericultura. Nesse período, muitos médicos higienistas se reconheciam como puericultores, ou seja, se consideravam como especialistas em relação à saúde das crianças e buscavam dirigir-se diretamente às mulheres.

No foco da puericultura estava a alimentação infantil. E, como ainda na atualidade, quando se fala no bem-estar infantil, especialmente sobre a alimentação, as mulheres em especial as mães, são as responsáveis por conhecer novas regras e até mesmo passar por um treinamento de especialização;

Embora considerada atividade natural das mulheres, a amamentação foi elevada ao patamar de missão patriótica, submetida à racionalidade médica e explicada segundo os cânones da higiene. Em longas e complexas explicações, os médicos tentavam provar cientificamente – com a ajuda de análises químicas ou dados estatísticos – a superioridade do leite materno e o impacto positivo sobre a saúde dos filhos. (FREIRE, 2008, p.162)

Nessas circunstâncias, a amamentação não era tão frequente entre as mulheres da classe média ou alta da sociedade. Durante esse período de desmame, os médicos sugeriam um leite a base de origem animal. Também era utilizado, por exemplo, o leite maltado para uma alimentação saudável e para o desenvolvimento de “uma criança sadia e robusta”. Conforme, nos mostra o anúncio:

Figura 5 – Alimento para crianças “leite maltado”.



Fonte: Revista Fon-fon, n.040, ano 1926, p.99.

Como vemos, este anúncio trata de uma bebida para alimentação de crianças, afirmando ter um valor nutritivo de qualidade, utilizado para a prevenção da desnutrição, pois nele se concentravam vitaminas e minerais, que servem tanto para a formação dos ossos, quanto para uma boa e perfeita dentição. Nesta época, os mingaus e papas de farinha já vinham sendo utilizadas pelas mães, e os médicos já vinham procurando provas científicas, para que não fosse preparado de todo jeito e isso não causasse algum mal aquela criança. Logo, dava-se estímulo às fábricas e comércio para oferecer às mulheres que não podiam amamentar, soluções apropriadas;

Com o intuito de vender produtos, apelava-se para o papel da mãe zelosa, ciente de suas responsabilidades na proteção de seus filhos. A mulher, na qualidade de sujeito responsável pelo controle da alimentação da prole e provida pelo trabalho do marido era foco principal dos apelos publicitários que, impulsionados pelo movimento higienista, prometiam bons produtos para manter a saúde e curar os enfermos. O mercado de produtos variados destinados à nutrição infantil oferecia-se, por sua vez, como opção saudável para a mulher que, por algum motivo, não conseguisse amamentar (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2017, p.464).

Assim, ao passo em que as mulheres se especializavam para cuidar da boa alimentação dos seus filhos, orientada pelos puericultores, pela imprensa e sedução de seus anúncios, preparavam-se também para ser essa “pedagoga do lar”: “Assim, habilitadas a aplicar, ao lado dos médicos, técnicas de higienização do ambiente, do

corpo e da mente das crianças, as mulheres, como mães, teriam sua função alçada ao patamar de prática científica.” (FREIRE, 2008, p.163)

Logo, as mulheres se tornavam cuidadoras tanto das crianças quanto de adultos, pois a elas cabia muitas tarefas e funções: cuidava da limpeza do ambiente, do banho, das roupas, alimentação e cuidados para que as crianças não ficassem doentes. Pois, se o ambiente doméstico não fosse bem higienizado e cuidado haveria uma grande proliferação de germes, e seria gerada uma série de doenças. Às mães era atribuído também o poder de cuidar e aperfeiçoar a natureza dos seus filhos.

Figura 6 - Proteção à saúde dos filhos.

FON-FON

Protegei vossos filhinhos !



Podeis ufanar-vos de ser um bom pae, emquanto não vos assistir o direito de dizer que vossos filhos têm toda a protecção que lhes podeis dar?

Até doenças de pequena importancia podem vir a ser perigosas

tarefa de ser pae nem sempre é facil. Ha dias em que tudo vos parecerá correr ás avessas, quando Joãozinho se mostra máo e Mariazinha desobediente, dias em que as creanças se tornam tão impertinentes que vos esqueceis de tanto ellas, de facto, significam para o vosso afecto.

Mas á noite, quando, pé ante pé, penetraes no quarto em que dormem, para dar-lhes um último beijo de boa noite, comprehendeis que são como botões de flores, pequenas promessas do futuro. Sois-lhes com cousas que podereis fazer em beneficio dellas, com a certeza que podereis proporcionar-lhes, com presentes com que prendeis mimoseal-as.

Entretanto, já vos teria occorrido que ha uma cousa que deverieis fazer por ellas **IMMEDIAMENTE?**

HOJE, antes que seja tarde

Procurae usar as grandes conquistas da sciencia medica moderna para proteger vossas creanças contra doenças e para ajudal-as a tornarem homens e mulheres fortes e sadios — physica, mental e moralmente. Muitas enfermidades fataes podem ser prevenidas, mediante vaccinação ou inoculação. Muitas consequencias sérias de doenças communs podem ser evitadas com o devido cuidado. Não deixeis que vossos botões de flores corram o risco de se esfoliar.

Tres importantes cousas a fazer

Tres cousas importantes — se ainda sobre ellas não providenciastes — é indispensavel fazer, sem mais demora:

Primeira: — Providenciar para que vossos filhos sejam vaccinados contra a variola.

Segunda: — Fazer com que recebam a vaccinação activa, preventiva contra a diptheria.

Terceira: — Tomar as necessarias medidas para que sejam examinadas pelo menos uma vez por anno, para corrigir defeitos physicos. Sobretudo as amygdalas, os dentes, os olhos e os ouvidos devem ser cuidadosamente examinados. Adenoides, caso appareçam, devem ser de prompto extirpadas.

Estando ao alcance de todos a protecção efficiente contra duas das mais perigosas doenças — a variola e a diptheria — chega a ser pouco menos que negligencia criminosa timbrar em desprezar estas simples medidas de precaução. E innumeradas doenças poderão ser evitadas quando todos os paes mandarem examinar espontaneamente seus filhos uma vez por anno, no dia do seu anniversario natalicio, por exemplo.

Muitas creanças morrem de sarampo, coqueluche e suas consequencias, e de outras doenças tidas como de menor gravidade, como cataporas e cachumbas. Algumas das doenças mais contagiosas, como sarampo e coqueluche, durante os primeiros tres dias revestem o aspecto de um mero resfriado. Mesmo nesta phase, antes do reconhecimento do verdadeiro mal, é possível a infecção de terceiros. Frequentemente, a coqueluche provoca pneumonia ou permanentemente estraga os pulmões. Quando uma creança que tem sarampo não é cuidadosamente tratada, pneumonia, mastoidite ou complicações dos rins podem ser a consequencia. Não raras vezes, um ataque de sarampo vem a ser a causa indirecta da tuberculose, e nalgumas outras o doente fica cego ou surdo.

Não commettais o erro que alguns paes têm commettido: *não penseis que é preciso que vossos filhos tenham todas as doenças infantis, e "quanto mais cedo tanto melhor".* Nunca deixeis que creanças sadias brinquem com uma creança notoriamente portadora de doença contagiosa.

A saúde é o melhor e o maior bem que podeis dar a vossos filhos.

A Companhia de Seguros de Vida
"SUL AMERICA"

Está distribuindo gratuitamente folhetos contendo
instruções que nenhum pae deve ignorar sobre

**SARAMPO,
COQUELUCHE,
VARIOLA
e DIPHTERIA.**

Se preencherdes este coupon e o remetterdes para a
CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO, receberéis
gratuitamente os ditos folhetos, que vos prestarão um
serviço inestimavel.

A' COMPANHIA "SUL AMERICA"
CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO

Peco enviar-me os folhetos sobre Sarampo,
Coqueluche, Variola e Diptheria.
(Gratis)

NOME

ENDEREÇO

DATA

F. F. 30-10-26

Para esta mãe e, neste caso, inclui-se também os pais, que deve incorporar o discurso da cientificidade, volta-se, por exemplo, esta publicação que trata dos cuidados sobre as crianças, quanto ao risco de doenças que se proliferam ao não ser prevenidas ou cuidadas de forma correta. De acordo com o texto, as vacinas são as formas de prevenção para doenças então consideradas fatais como Sarampo, Coqueluche, Varíola e Diphtheria. Sendo, a Varíola e a Diphtheria, as duas doenças mais graves e perigosas e que chegam a ser menos negligenciadas.

O texto segue orientando também sobre doenças que são tidas como menos importantes, podem causar grande gravidade e levar a morte, como no caso da catapora e caxumba. No percurso pontuam sobre a morte infantil como consequência de “mal tratamentos” ou de visões retrógradas sobre as doenças, chamando os pais à responsabilidade de garantir aos filhos o maior dos bens, a saúde.

A partir do que foi exposto acima, podemos ver como os discursos higienistas, divulgados e também construídos pela imprensa, em especial pelos anúncios, participaram da modelação das mulheres enquanto “mães modernas”, que ao passo que seriam educadas para tal, sendo “pedagogas do lat”, deveriam também tornar-se “pedagogas da pátria”, trabalhando a favor da implementação dos valores higienistas, de uma sociedade que se pretendia limpa e saudável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das intervenções higienistas desde os tempos da Primeira República no Brasil, foram colocadas em práticas ações para a promoção do que se considerava necessidade de progresso e civilidade entre a população. Vimos que em detrimento deste desejo civilizatório, muitas pessoas viviam no início do século XX, em locais sem qualquer condição salubre, como casebres, ruas estreitas, esgoto a céu aberto e sem contar na quantidade de doenças que ali existiam.

Este contexto favoreceu a intensificação dos discursos higienistas, sendo destacada a ideia de controle da sociedade e dos corpos na perspectiva de higienizar-se através da vigilância em saúde, com a concepção de sanear doenças que assolava a cidade e intuito de disciplinarizar cidadãos para que pudessem ser fortes e sadios. Neste processo, as mulheres foram consideradas peças fundamentais, chamadas a serem exemplo e também educadoras em seus lares, contribuindo para a construção de um projeto de nação modernizada e saudável.

Através dos anúncios da revista *Fon Fon*, observamos o quanto de investimento discursivo se fazia sobre os corpos das mulheres, alvo privilegiado de uma sociedade de consumo que ali crescia, capturando os preceitos higienistas e os interesses políticos. Estes participavam da construção do ideal de corpos asseados, perfumados, belos e jovens, além de assépticos. Embora discursos e produtos se voltassem a homens e mulheres, vimos o quanto mais forte e diferenciado eram aqueles voltados apenas para elas, demarcando os lugares de gênero. Em especial, no que diz respeito a valorizar a função social das mulheres enquanto “mãe”, mas não uma maternidade nos moldes de outrora, mas então se baseando em preceitos científicos, que a instruíam também para serem “pedagogas do lar”, responsáveis diretas pelos filhos robustos e saudáveis para a pátria.

Esperamos com este olhar ter contribuído para uma visão acerca do desenvolvimento dos ideais higienistas no Brasil, mais propriamente no Rio de Janeiro no início do século passado, sob o viés também de uma perspectiva das implicações entre gênero e história.

REFERÊNCIAS:

Almeida, Luciana Andrade de - **Saúde, doença, beleza e fealdade: Representações do corpo na imprensa de Fortaleza nos anos 1920**. Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia. X Seminário de Pesquisa do Departamento de História - UFC Fortaleza, 01 a 03 de outubro de 2012.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Vozes, 2003

FRANQUI, Renata PERIOTTO, Marcília Rosa - **A Trajetória de FON-FON! (1907-1958): De Semanário ilustrado e crítico à Revista para o lar**.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **‘Ser mãe é uma ciência’**: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

http://obdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm

GOIS JUNIOR, EDIVALDO **“Movimento Higienista” na História da vida privada no Brasil: Do Homogêneo ao Heterogêneo**. ConSCIENTIAE SAÚDE. Rev. Cient., UNINOVE - São Paulo. V. 1 : 47-52.

MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida - **A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas conseqüências espaciais** - Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Szwako, José Eduardo (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-149.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pp.284-312.

SILVA, Poliana Moreira. **Movimento Higienista: A construção da figura feminina**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017.

VASCONCELOS, Larissa Meira de. MACHADO, Charliton José dos Santos. **Higienismo, imprensa e educação na Parahyba do Norte: o papel da mulher e a pedagogização dos hábitos**. Revista Educação em Foco. Juiz de Fora, MG. v. 20, n. 3, p.187-214, nov. 2015/ fev. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19542>. Último acesso em 04/07/2022

VASCONCELOS, Larissa Meira de. FIALHO, Lia Machado Fiuza. MACHADO, Charliton José dos Santos. **Educação, gênero e higienismo nos discursos publicitários da Paraíba durante a Primeira República**. Cadernos de História da Educação, v.16, n.2, p.451-473, mai.-ago. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/39598>. Último acesso em 04/07/2022

ZANNON, Maria Cecília. Fon-Fon – **Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Patrimônio e Memória, v. 1, n. 2, p. 18-30. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107983>. Último acesso em 05/07/2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a Deus por ter me dado força, saúde e disposição para chegar até aqui, onde muitas vezes pensei em desistir diante as adversidades que apareceram ao longo da minha trajetória acadêmica.

Ao meu esposo Jesiel de Almeida Quirino, minha sogra Carmelita Francisca dos Santos (In Memoriam) e meu filho Neyfi Costa de Almeida por serem as peças fundamentais para mim chegar onde cheguei.

Aos meus colegas de turma, com quem desenvolvi amizades ao longo do curso, em especial minha amiga Helena Rodrigues Figueiredo, com quem vivenciei tantos momentos, trabalhos acadêmicos e compartilhamos vários momentos pessoais. A Marília Gabriela do Nascimento Domingos Lira por ter me dado a mão sempre que precisei, sempre estar disponível a ajudar.

Agradeço a todo corpo acadêmico da UEPB-CAMPUS III – GUARABIRA por me proporcionar saberes e conhecimentos ao longo de cada disciplina.

Minha orientadora, Professora Dra Alômia Abrantes da Silva, por ser essa profissional maravilhosa, ser de luz, que Deus colocou em minha vida, não mediu esforços para me ajudar. Minha eterna gratidão a senhora, obrigada por todo carinho, paciência e conhecimento compartilhado.